

A INVENÇÃO DA CIDADE ETNIZADA:

História e Memória na Blumenau contemporânea. (1974 – 2002)

Por Ricardo Machado¹

“Pois o excesso de história abala e faz degenerar a vida, e esta degeneração acaba igualmente por colocar em perigo a própria história.”

Nietzsche

Introdução

Blumenau é uma cidade situada no nordeste de Santa Catarina e faz parte de uma região que passou a ser reconhecida como Vale do Itajaí. Esta demarcação, inicialmente ligada a uma localização geográfica – ao Rio Itajaí-Açu – hoje é interpretada como uma localização cultural. Este vale é atravessado por elementos identitários que constroem unidade e sentido para palavras como imigração, trabalho, raízes e tradição.

Na construção desta localização cultural, o Vale do Itajaí produziu uma relação muito particular com o discurso histórico e o investimento na memória regional. Evidentemente que este processo não é estritamente original, na medida que a demarcação identitária vem se tornando uma das características das cidades contemporâneas. Além disso, o Estado de Santa Catarina, buscou nas últimas décadas legitimar-se no cenário como um mosaico cultural, investindo decisivamente na multiplicidade de identidades regionais extremamente localizadas². No entanto, a etnização do Vale do Itajaí, e em particular, da cidade de Blumenau, é um fenômeno de grandes proporções, e que através da indústria do turismo e da publicidade, dão visibilidade a esta germanidade em nível nacional e internacional. De maneira que parece não ser mais possível explicar esta região sem ser atravessado por estas questões.

¹ Mestre em História pela UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina e docente do Departamento de História da FURB - Universidade Regional de Blumenau. Contato: ricardomachado1982@gmail.com

² Sobre isso ver: GARCIA JÚNIOR, Edgar Garcia. **Práticas Regionalizadoras e o Mosaico Cultural catarinense**. Dissertação UFSC. 2002. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cynthia Machado Campos.

Nesta região, em nome da deusa Clio e da musa Mnemosine foram erigidos grandes templos para adoração. A história e memória passaram a ter uma centralidade nos discursos produzidos sobre a Blumenau contemporânea. É a partir delas que o presente insistentemente quer justificar-se na vida cotidiana. Atualmente, ao circular pelas ruas da cidade de Blumenau, nos vemos carregados pelas constantes referências e marcas deixadas e/ou reelaboradas por este passado que insiste em se afirmar. Talvez o mais visível seja aquilo que o turismo transformou em discurso nas últimas décadas: as festas, os trajés, comidas típicas e a arquitetura. Mas há mais do que isto. Aqueles que pretendem explicar este vale cultural comumente voltam-se para seus elementos fundadores. Por isso, ainda é comum o discurso histórico concentrar-se nos processos de imigração, nas dificuldades iniciais da colônia e o seu conseqüente desenvolvimento econômico e político. Sobretudo, há um elemento étnico na maioria destas explicações: a germanidade se apresenta como o fio condutor deste processo. Utilizando-me da analogia de Veyne³, é comum a história da cidade de Blumenau ser escrita como um “viveiro de plantas”, e conseqüentemente suas origens são buscadas nas “raízes”⁴, ou ainda, na “analogia da semente” que dentro de si já possui todos os elementos que irão constituir a planta. Esta concepção parece estar ligada à ideia de que no começo todas as coisas se encontram no que há de mais precioso e de mais essencial. Da mesma forma, Foucault define: “gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontravam em estado de perfeição; e que elas saíram brilhantes das mãos do criador, ou na luz dos deuses, e para narrá-la se canta sempre uma teogonia⁵”.

Para dissipar este viveiro de plantas é preciso estabelecer o ponto de corte com a raiz. Aqui estabeleceremos um ponto bastante preciso, pois é demarcado pela produção de uma unidade discursiva. Tomaremos como ponto de partida o retorno do colonizador em 1974, afinal o retorno dos restos mortais de Hermann Blumenau⁶ e a construção de

³ VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. 3ed. Editora Universidade de Brasília, 1995.

⁴ É muito comum a utilização da palavra raízes para a explicação histórica na região. Dentre muitos exemplos, provisoriamente podemos citar o filme **Raízes de Blumenau: uma história antiga contada por gente nova**. - Blumenau : Jeclac, 2004.

⁵ FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In _____ . **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.18

⁶ Hermann Blumenau fundou a colônia em 1850 como empreendimento particular para assentamento de imigrantes. Em 1860, vende-a para o governo imperial e torna-se administrador como funcionário do governo. Em 1884 retorna com sua família para a Alemanha, onde falece em 1899. No entanto, em

um Mausoléu em sua homenagem são a materialidade de um conjunto de políticas de memória que a cidade vai passar a investir com grande intensidade nas décadas seguintes a este acontecimento. O outro ponto de corte será justamente em uma das efemérides fundamentais para a produção e circulação de um discurso histórico sobre a cidade: as comemorações dos 150 anos da cidade de Blumenau no ano de 2000. Este relativamente curto período, de 1974 à 2000, foi um momento fundamental para elaboração e legitimação de uma historicidade para a cidade. Neste período teremos um processo de musealização do espaço através de investimento em lugares de memória e significativas transformações na estética e estrutura urbana da cidade.

Neste artigo pretendemos apresentar uma discussão ainda inicial sobre processo de invenção da cidade etnizada, através da constituição de um discurso histórico e dos investimentos em uma política da memória. Para isso, tomaremos como fonte aquilo que a cidade produziu no período de 1974 à 2000 relativo a sua própria história. Através dos documentos gerados a partir de um conjunto de celebrações e representações do passado histórico, buscamos estabelecer as séries e demonstrar as unidades e rupturas destes discursos que inventaram a Blumenau historicizada e etnizada. Dito de outra maneira, aqui os documentos serão lidos como acontecimentos que produziram uma historicidade para a cidade, e que por isso, sua produção, linguagem e enunciados serão objetos de análise.

Seduzindo pela Memória

Nas últimas décadas, a cidade de Blumenau vem passando por um complexo investimento na memória e exaltação do passado como forma de demarcação identitária da cidade. Estes investimentos produziram um conjunto de transformações arquitetônicas e estéticas, que implicaram em mudanças subjetivas relativas às experiências no espaço da cidade. Vivencia-se um profundo investimento na

1974, como parte das comemorações do aniversário da imigração alemã para o Brasil, associações empresariais e a prefeitura municipal fazem o traslado dos seus restos mortais para a um mausoléu na cidade de Blumenau, onde até hoje permanece. Recentemente, este traslado foi objeto de um trabalho de conclusão de curso de graduação: NICOCELI, Vanessa. **O Retorno do Colonizador:** representações da memória no traslado dos restos mortais de Hermann Blumenau e a construção do Mausoléu Dr. Blumenau. Trabalho de Conclusão de Curso. FURB. 2009. 84 f

folclorização do cotidiano através de uma estética *kitsch*, que foi iniciado nos anos 1970, e levou para um contínuo investimento econômico e discursivo na identidade germânica e surgimento de uma cidade parque-temático.

Estas marcas identitárias foram se constituindo através de um conjunto de políticas da memória que investiram no espaço da cidade, na arquitetura e nas formas de representar o passado. Também em Blumenau, as palavras resgate cultural e história entraram para ordem do dia, na medida que o drama do esquecimento tomou conta das sociedades contemporâneas. Neste sentido, Manoel Guimarães afirma: “parece haver um passado que se recusa a ser passado segundo estas novas exigências, e sua recordação impõe-se como imperativo de ordem política.”⁷

Este “resgate” da identidade local, nada mais tem feito do que garantir um processo de homogeneização do espaço, já que não dialoga com o cidadão local e sim com o turista acidental. Afinal, “o passado está vendendo mais do que o futuro”.⁸ Mas este investimento ultrapassa os limites comerciais/turísticos, na medida que define a política pública cultural, as formas de identificação e naturalização de um discurso étnico sobre o passado.

Estas questões foram abordadas por Maria Bernadete Ramos Flores em 1997 no livro *Oktoberfest: Turismo, Festa e Cultura na estação do Chopp*. Nesta obra, a autora se debruça sobre a invenção das festas típicas da região e sua relação com a constituição de um discurso étnico relacionado com as novas sensibilidades possíveis nas cidades contemporâneas. Para ela, este novo folclorismo é exercido, na medida em que é produtor de subjetividades e está implicado com a invenção da cidade-cultura. Esta cidade afirma-se no passado, mas produz efeitos no presente. Possui caráter estético e político na medida em que define identidades étnicas e suas representações; tem um caráter econômico, pois transformaram a cultura em espetáculo.⁹ Assim, esta cidade é recriada a partir de construções imagéticas, que apropriaram-se do conceito de cultura

⁷ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. O Presente do Passado: as artes de Clio em tempos de memória. In ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca. **Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, FAPERG, 2007. p. 27

⁸ HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004. p.24.

⁹ FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest: Turismo, festa e cultura na estação do chopp**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997. p. 37.

como mercadoria, e que por isso, esteve intimamente ligada com o discurso da indústria do turismo em ascensão neste período.

Em artigo de 2007, intitulado “Carrosséis Urbanos” a autora referida, juntamente com o historiador Emerson Campos amplia o debate articulando comparações entre Blumenau e Criciúma. Neste artigo, os historiadores explicitam uma autoria deste processo de construção desta cidade turística:

Aqui, a autoria é visível e reconhecida. Acompanhamos, nas atas das reuniões da Comissão Municipal do Turismo de Blumenau - homens de cultura, empresários, administradores municipais -, entre os finais da década de 1960 e a década de 1970, semana a semana, o trabalho de construção da ilha turística. Esse trabalho antecedeu à grande festa turística, a Oktoberfest, que desde 1984 atrai, a cada ano no mês de outubro, milhares de turistas nacionais e internacionais. A Comissão de Turismo preparou o cenário da cidade germânica para realizar a festa germânica. Emergiu um novo sujeito de saber e de poder, que inventa e cria a cidade turística, concebida como cidade-imagem, cidade-cultura, cidade-festas, cidade-eventos, cidade-ecológica, cidade-saneada, cidade-jardim, cidade-congresso.¹⁰

O livro Oktoberfest ainda é uma referência nas pesquisas sobre os investimentos identitários e as transformações das cidades na região do Vale do Itajaí e do Itapocu. No entanto, apesar de indicar como possibilidade, a autora não aprofunda a análise das relações entre memória e história na invenção destas cidades-cultura. Neste sentido, é preciso retomar a discussão, mas desta vez problematizar a complexa elaboração discursiva destes “homens de cultura, empresários, administradores municipais”, que através de investimentos que ultrapassam a relação com o turismo produziram esta cidade marcada por um discurso étnico, ou ainda melhor, uma cidade marcada pelo peso de sua própria história.

Por isso, torna-se necessária uma maior problematização sobre a produção de um discurso histórico e a construção dos lugares de memória da cidade. Mas neste caso, não se trata de buscar distinguir aquilo que é mais ou menos verdadeiro, mas, sobretudo, problematizar os investimentos sociais e institucionais sobre o passado produzido a partir dos anos 1970. Afinal, lembrar e preservar, significa também esquecer e destruir. Andreas Huyssen afirma que “o problema não é resolvido pela simples oposição entre memória séria e memória trivial”¹¹ do mesmo modo que não se trata de marcar o que há

¹⁰ FLORES, Maria Bernadete Ramos; CAMPOS, Emerson César de. **Carrosséis urbanos**: da racionalidade moderna ao pluralismo temático (ou territorialidades contemporâneas). Rev. Bras. Hist. vol.27 no.53 São Paulo Jan./June 2007.

¹¹ HUYSSSEN, Op. Cit. 2004. p.21.

de “puro” arquitetonicamente, nem mesmo de brincar de verdadeiro ou falso¹². Mas, sobretudo, compreender a própria cidade como uma forma de escrita e por isso marcada pelos distintos investimentos e relações de poder.

Neste sentido, é preciso entender a história do Vale do Itajaí como um “caleidoscópio”, para poder compreender as imagens a cada virada, e não discorrer sob objetos que se apresentam naturalizados¹³. A história entendida aqui não tem por objetivo reencontrar as raízes desta identidade, mas, ao contrário, se obstina em dissipá-la, de modo que possa fazer aparecer todas as descontinuidades que nos atravessam¹⁴. Assim como no rizoma deleuziano: “estamos cansados da árvore. Não devemos mais acreditar na árvore, em raízes e radículas, já sofremos muito”.¹⁵

Roberto Caresia apresenta em seu trabalho um discurso modernizante presente em Blumenau nos anos 1940 e 1950 e que está em descontinuidade com as apropriações identitárias produzidas nos anos 1970. Para ele, o período após a segunda guerra mundial, produziu transformações subjetivas e urbanas modernizantes através dos efeitos do processo de nacionalização da era Vargas e uma nova publicidade centrada na construção de uma sociedade de consumo influenciada pelos EUA. Este período alterou a paisagem urbana “com a demolição dos prédios antigos, os quais contavam com uma arquitetura peculiar, e sua subsequente substituição por prédios e edifícios modernos.”¹⁶

Na segunda metade dos anos de 1970 há um processo de etnização do espaço urbano no centro da cidade. No entanto, estas transformações só foram possíveis através de um conjunto de elaborações discursivas, pautadas sobretudo, no medo do esquecimento. A história passa a ser celebrada e torna-se o saber fundamental na organização deste espaço, e produz seus efeitos de poder. Por isso, de uma maneira inicial podemos afirmar que a concepção de cidade dos anos 1950 e 1960 está em descontinuidade com as apropriações produzidas a partir dos anos 1970. Desde então

¹² Recentemente um jornal local tentou polemizar questão da verdade histórica, marcando com um X as construções enxaimel verdadeiras em oposição ao enxaimel falso ou popularmente conhecido como enxaimeloso. (JSC 23/07/2010).

¹³ VEYNE. Op. cit. p.202.

¹⁴ FOUCAULT, Op.cit. p.35

¹⁵ DELEUZE, Gilles . **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol 4 . Tradução de Sueli Rolnik. Rio de Janeiro: ed. 34, 1997. p. 25

¹⁶ CARESIA, Roberto. Blumenau e a modernização urbana: alterando costumes (1940-1960) In FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Meri. **Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes**. Blumenau : Nova Letra, 2000. p. 171.

história não cessa de estar presente de maneira insistente no cotidiano e nas representações de Blumenau.

Em suas considerações intempestivas, Nietzsche disserta longamente sobre o valor dado à história. Para ele, nós temos necessidade da história para viver e para agir, ou seja, a história serve “não para nos afastarmos comodamente da vida e da ação e ainda menos para enfeitar uma vida egoísta e ações desprezíveis e funestas.”¹⁷ Em seguida tece profundas críticas ao imenso valor dado a história naquele período, ou seja, “logo que se abusa da história ou que lhe atribuímos muito valor, a vida se estiola e se degenera”.¹⁸ Nietzsche escreve a partir do século XIX, um período de profundo investimento e organização do saber histórico. Foi neste período que o ser humano aparece como sujeito historicizado e por isso passa a ser interpretado por suas unidades biográficas e identitárias. A ele projeta-se o dever da revolução ou do progresso, mas sempre sua unidade está na possibilidade da história lhe colar ao seu Estado, sua raça ou sua classe.

Da mesma forma, no livro *Seduzidos pela Memória*, Andreas Huyssen demonstra que esta obsessão pelo passado, é resultado das experiências modernas marcadas pelo culto ao futuro. Para ele, “a memória social e coletiva, paradigmaticamente organizada no museu, na historiografia ou na arqueologia, não é o oposto da modernidade, e sim um de seus produtos.”¹⁹ No entanto, se a história e as políticas da memória são um dos efeitos da modernidade, foi após os anos 1980 que a memória se tornou uma das preocupações culturais centrais nas sociedades ocidentais. Huyssen demonstra que a sociedade do *hardware*, onde a possibilidade de guardar elementos do passado ampliou-se significativamente, é a mesma sociedade impactada pela amnésia ou o medo de esquecer. Isto implicou em um profundo investimento na memória nas cidades contemporâneas que não cessam de construir arquivos, erigir monumentos e redigir textos historiográficos ou memorialísticos. Para Huyssen “pode-se mesmo falar em sensibilidade memorial ou museica que arrebatou parcelas cada vez maiores da cultura e da experiência do cotidiano.”²⁰ Esta experiência pós-moderna,

¹⁷ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm; MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. **Escritos sobre história**. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio; São Paulo : Loyola, 2005. p. 68

¹⁸ Id. Ibid. p.68.

¹⁹ HUYSEN, Op. Cit. p. 72.

²⁰ Id. Ibid. p. 73

trouxe profundas transformações nas estruturas urbanas e produziu novos signos de referência. A disneyficação pode ter sido um dos elementos destas mudanças, mas neste caso ela é acompanhada de um intenso processo de musealização.

A crença conservadora de uma musealização cultural pode proporcionar uma compensação pelas destruições da modernização no mundo social é demasiadamente simples e ideológica. Ela não consegue reconhecer que qualquer senso seguro do próprio passado está sendo desestabilizado pela nossa indústria cultural musealizada e pela mídia, as quais funcionam como atores centrais no drama moral da memória. A própria musealização é sugada neste cada vez mais veloz redemoinho de imagens, espetáculos e eventos e, portanto, está sempre em perigo de perder a sua capacidade de garantir a estabilidade cultural ao longo do tempo.²¹

Este processo de musealização cultural ilustra o drama contemporâneo onde esquecer virou um crime.²² Para Henri-Pierre Jeudy este dever da memória que nos é imposto “instaura um estado culpabilizante estimulado pela necessidade moral da rememoração”.²³

André Voigt em sua tese intitulada “A invenção do Teuto-brasileiro” dedica-se à investigação dos enunciados e noções que formalizam uma unidade discursiva que inventaram o conceito Teuto-brasileiro em torno da experiência da imigração alemã no sul do Brasil. Este processo foi possível a partir de complexos investimentos discursivos ao longo do século XX, e que permitiram hoje naturalizar esta experiência a partir desta unidade étnica. Para ele, “a preservação da cultura será o mecanismo político de acomodação destas populações em um consenso definitivo, igualando seu passado ao presente e ao futuro, fazendo da sua história a eterna confirmação de sua identidade.”²⁴ Esta produção discursiva produzirá efeitos significativos nas formas de interpretar aquelas que foram áreas de assentamentos de imigrantes na segunda metade do século XIX, e de maneira especial, potencializará a produção destas representações sobre a cidade de Blumenau. Através da apropriação da história, a dicotomia identidade e diferença se tornaram os pontos referenciais para afirmação da cidade em um contexto nacional. A partir dos anos 1970, passamos a vivenciar uma história que precisa ser

²¹ HUYSEN, Op.Cit. p. 30.

²² Sobre a noção de “Esquecimento não é crime” Daniel Lins discute longamente em seu artigo: LINS, Daniel. Como dizer o indizível. In _____. **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas : Papyrus, 1997. 115p.

²³ JEUDY, Henri Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005. p. 15

²⁴ VOIGT, André Fabiano. **A invenção do Teuto-brasileiro**. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado (Programa de Pós Graduação em História). UFSC/SC. p.140.

constantemente celebrada, cultuada implicando um processo de despolitização da diferença.

Se para Tomaz Tadeu da Silva “a identidade nunca é inocente”²⁵ poderíamos também afirmar que, por sua vez, a memória também não é. Se a modernidade passou a sacralizar o passado, já é momento de trazer os investimentos na memória e na escrita da história para o centro de nossas reflexões como um elemento produtor de representações e sensibilidades que definem nossa forma de pensar o tempo presente. Afinal, a escrita da história é um investimento de uma sociedade sobre uma representação do passado, e esta representação, cria realidades. Durval Muniz de Albuquerque define da seguinte maneira: “a realidade além de empírica, é simbólica, é produto da dotação de sentido trazida pelas várias formas de representação. A realidade não é antes do conceito, é um conceito.”²⁶ Assim, a cidade realmente existente é mais do que tudo um conceito de cidade que foi sendo fabricado nestas complexas relações entre memória e história.

Pesavento, ao narrar a trajetória da cidade enquanto um objeto de interpretação, distinguiu a história de cidades da história da cidade. Tradicionalmente a história de cidades foram feitas, muitas delas sob encomenda, preocupadas em instaurar uma unidade entre suas origens e o seu desenvolvimento. De outro modo, ao produzir uma história da cidade, os historiadores se apropriam de uma história do urbano como espaço de construção de sociabilidade e sensibilidades. De modo que a partir das reflexões relativas à história e memória, é possível inserir o problema do urbano no cruzamento entre história da cidade e histórias de cidades. Mas neste caso, não se pretende retomar a narrativa do passado em busca de reconstruir sua unidade, mas perceber como o espaço, as sensibilidades e territorialidades são construídas através destes sucessivos investimentos discursivos do tempo presente. Para a referida autora, a cidade “inventa seu passado, construindo um mito das origens, recolhendo as lendas, descobrindo seus pais ancestrais, elegendo seus heróis fundadores, identificando um

²⁵ SILVA, Tomaz da Silva; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 2003. p. 81

²⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2007. p. 25.

patrimônio, catalogando monumentos, atribuindo significados aos lugares e aos personagens, definindo tradições, impondo ritos.”²⁷

Ainda é preciso afirmar que apesar de um recorte preciso territorialmente e temporalmente, este trabalho não pretende exclusivamente explicar a cidade de Blumenau. Tomaremos esta documentação para problematizar a produção de discursos acerca do passado, através de das narrativas relativas a passagem do tempo. Fazendo uso das palavras de Manoel Guimarães, este texto esboça-se como “campo de investigação que articula política, cultura histórica e uma história das formas de lembrar-se.”²⁸

Referências Bibliográficas

ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca. **Cultura política e leituras do passado**: historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, FAPERG, 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Meri. **Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes**. Blumenau: Nova Letra, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol 4 . Tradução de Sueli Rolnik. Rio de Janeiro: ed. 34, 1997.

FLORES, Maria Bernadete Ramos; CAMPOS, Emerson César de. **Carrosséis urbanos**: da racionalidade moderna ao pluralismo temático (ou territorialidades contemporâneas). Revista Brasileira de História. vol.27 no.53 São Paulo Jan./June 2007.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest**: Turismo, festa e cultura na estação do chopp. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

FOUCAULT, **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GARCIA JÚNIOR, Edgar Garcia. **Práticas Regionalizadoras e o Mosaico Cultural catarinense**. Dissertação UFSC. 2002. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cynthia Machado Campos.

²⁷ PESAVENTO. Sandra J. **Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, cidades imaginárias**. Rev. Bras. Hist. vol.27 no.53 São Paulo Jan./June 2007. p. 16

²⁸ GUIMARÃES. Op. Cit. p. 39

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004. p.24.

JEUDY, Henri Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LINS, Daniel. **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas: Papyrus, 1997. 115p.

NICOCELI, Vanessa. **O Retorno do Colonizador: representações da memória no traslado dos restos mortais de Hermann Blumenau e a construção do Mausoléu Dr. Blumenau**. Trabalho de Conclusão de Curso. FURB. 2009. 84 f

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm; MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. **Escritos sobre história**. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio; São Paulo : Loyola, 2005. p. 68

SILVA, Tomaz da Silva; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 2003. p. 81

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. 3ed. Editora Universidade de Brasília, 1995.

VOIGT, André Fabiano. **A invenção do Teuto-brasileiro**. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado (Programa de Pós Graduação em História). UFSC/SC. p.140.